

# Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos



# Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos

Alex Branco Fraga  
Janice Zarpellon Mazo  
Marco Paulo Stigger  
Silvana Vilodre Goellner  
(Organizadores)

Série Esporte, Lazer e Saúde

2009  
Porto Alegre



*Gênese*  
EDITORA

© dos autores  
1ª edição: 2009

Direitos reservados desta edição:  
Ministério do Esporte do Brasil

Capa: Flávio Roberto Gonçalves  
Revisão: Vilma Beatriz da Silva Dentzien/ Naila Touguinha Lomando  
Editoração eletrônica: Vanessa da Silva/ Gênese Artes Gráficas

---

P769 Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos / organização Alex  
Branco Fraga, Janice Zarpellon Mazo, Marco Paulo Stigger,  
Silvana Vilodre Goellner – Porto Alegre: Gênese, 2009. – (Série  
Esporte, Lazer e Saúde)

125 p.; il.

Ensaio de vários autores.  
ISBN: 978-85-61652-04-3

1. Lazer – 2. Saúde – 3. Espaços urbanos – 4. Políticas públicas  
– 5. Projetos sociais – 6. Parques públicos – 7. Praças públicas  
– I. Fraga, Alex Branco – II. Mazo, Janice Zarpellon – III. Marco  
Paulo Stigger – IV. Goellner, Silvana Vilodre

CDU: 379.8

Catálogo na publicação

---

Bibliotecária responsável: Naila Touguinha Lomando, CRB-10/711

---

# Parques públicos, sociabilidades urbanas e políticas de lazer

Marco Paulo Stigger  
Edson Bertuol Trentini  
Maitê Venuto de Freitas

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de um estudo que faz parte de uma investigação maior, desenvolvida pelo Núcleo UFRGS da REDE CEDES do Ministério do Esporte, que busca compreender aspectos relativos às políticas de saúde na gestão pública do lazer em Porto Alegre. Tem como ponto de partida os achados dos primeiros projetos desenvolvidos pelo Núcleo UFRGS da Rede CEDES<sup>1</sup> e vincula-se ao objetivo geral de verificar o impacto social das políticas de saúde e de lazer no processo de significação da prática física como elemento de promoção da saúde, das sociabilidades aí decorrentes e no estilo de vida da população urbana frequentadora de parques e praças da cidade.

Visando a dar sequência e aprofundar as investigações empreendidas no ano de 2006, o grupo optou pelo desenvolvimento das atividades de campo no Parque Mascarenhas de Moraes (Parque Humaitá)<sup>2</sup>, um espaço público de grande dimensão, onde, além da significativa presença de usuários, é um dos locais onde é desenvolvido o “Programa Lazer e Saúde”, promovido pela Secretaria de Esportes do Município.

Nesse contexto investigativo, esta pesquisa, em particular, iniciou com o intuito de ser observadas as relações de sociabilidade que se estabelecem no Parque Humaitá, nos momentos de lazer da população. Ela foi desenvolvida a partir do pressuposto de que, apesar de o lazer ser ainda tratado como uma parte *não séria* da vida, muitas evidências levam a considerar a sua relevância para a vida social das populações, o que se identifica tanto no crescimento que o *mercado do lazer* tem experimentado (oferecendo inúmeros bens e serviços para diversos públicos), assim como pela demanda social para a qual muitos governantes têm-se preocupado em dar respostas aos seus eleitores.

Sobre esse último aspecto, entre outras evidências que demonstrariam a relevância social do lazer, chama a atenção a presença de enormes parcelas das populações urbanas que se aglomeram nos parques e nas praças das

<sup>1</sup> FRAGA; WACHS (2007), STIGGER; GONZÁLES; SILVEIRA (2007), GOELLNER; JAEGER (2007).

<sup>2</sup> Denominado, oficialmente de Parque Mascarenhas de Moraes, é chamado, popularmente de “Parque Humaitá”. Isso se deve ao fato dele estar situado no bairro Humaitá.

idades, em especial, aos fins de semana. No caso brasileiro – e, porventura paradoxalmente, tendo em vista a violência urbana crescente que tenderia a fazer as pessoas ficar nas suas casas, ou conduzi-las para locais mais seguros e *previsíveis*, como os *shopping centers*<sup>3</sup> -, ao que parece, esses espaços têm-se, ao longo do tempo, mostrado importantes, como lugares de encontro de grandes parcelas dos habitantes das cidades, que os têm ocupado no seu tempo livre, na busca de realizar as mais diversas atividades.

Sendo áreas de encontros, de desencontros, de reencontros, de conflitos e de negociações, tanto lugares para ficar, como pontos de passagem, que, mesmo sendo parcialmente planejados, são também parcialmente aleatórios, os espaços públicos de lazer põem em evidência uma diversidade de expressões e os mais diversos tipos de usos individuais e coletivos. É nesse sentido que um sem-número de práticas ali realizadas acontecem dentro de lógicas bastante diferenciadas, que estão vinculadas a protagonistas bastante diversificados e que coexistem em inúmeras formas de convivência e de organização.

Essa heterogeneidade reforça a centralidade que adquiriram esses espaços como lugares importantes no que se refere à constituição da vida urbana, o que se evidencia na fala, hoje comum, tanto de governantes, quanto da população das cidades. Expressões, como “qualificação dos espaços”, democratização dos espaços”, “espaços verdes”, “espaços de lazer”, mesmo que possam fazer parte de um modismo linguístico pouco esclarecedor, como aponta Rossari (1990), ao contrário de retirar-lhes a importância, significam que algum sentido a eles está incorporado, como forma de ser e de estar do corpo social, o que, por si só, sugere aos estudiosos uma observação atenta.

Com esse olhar, mesmo que se esteja falando de *espaço*, o termo *lugar* parece mais adequado. Sustentando-se no pensamento de Tuan (1983), Rossari (1990) considera que - em se tratando da atividade humana – a palavra *lugar* é um conceito social mais esclarecedor do que *espaço*, não apenas por oferecer uma designação mais específica de certos locais, mas também por aproximar-se mais do conteúdo social subjacente à idéia de *espaço existencial*, ou seja, um espaço carregado de significados. Nessa perspectiva, à medida que o espaço adquire definição e significado, ele se transforma em lugar, sendo “instância definida pelo sentimento, pela experiência íntima, bem como pelos sentidos (visão, tato, cinestesia, olfato) carregados de afetividade” (ROSSARI, 1990, p. 51). Essa *noção social da espacialidade* também está presente na constituição do conceito de *pedaço* utilizado por Magnani (1984)

---

<sup>3</sup> Segundo Frúgoli Júnior (1990, p.28), o *shopping* “torna-se uma alternativa às deficiências na infraestrutura de serviços urbanos. Lá os frequentadores imaginam encontrar um lugar a salvo das estatísticas da violência, das intempéries climáticas, dos transtornos do trânsito, das desordens da geografia urbana”.

que se relaciona a um espaço intermediário entre a casa<sup>4</sup> e a rua<sup>5</sup>, onde as pessoas se reconhecem como partes de um mesmo espaço existencial e também remete à idéia da heterogeneidade e da particularidade que eles adquirem no contexto urbano.

Na busca de compreender aspectos dessa dimensão social da espacialidade no que se refere aos espaços públicos das cidades, propusemo-nos a investigar as relações de sociabilidade que se estabeleceriam num espaço público particular (o Parque Humaitá), nos momentos de lazer da população que o frequenta. Passado um semestre de observação (diários de campo) percebeu-se que, apesar de o parque ser relativamente bastante utilizado por grande quantidade de pessoas, a forma de utilização acontecia, quase exclusivamente, aos sábados e domingos à tarde e a partir de pequenos grupos de três a quatro pessoas, na maior parte famílias e/ou vizinhos muito próximos. Diferente disso, por outras fontes de informação (outras pesquisas e mesmo pela experiência pessoal na cidade), sabíamos que outros parques são apropriados e utilizados durante toda a semana e com base em relações de sociabilidade muito intensa, muitas delas por grupos de convivência que existem há muitos anos.

Isso nos levou a reformular os nossos objetivos iniciais. Ao invés de estudarmos as relações de sociabilidade no Parque Humaitá, decidimos buscar elementos para compreender alguns fatores que interferem ou podem vir a interferir na construção dessas relações. Isso nos remeteu a várias perguntas: como se dão, em diferentes parques da cidade, as relações de utilização desses espaços públicos? Por que alguns parques são utilizados essencialmente nos fins de semana, enquanto outros têm a sua utilização em diferentes dias e horários da semana? Porque, em alguns parques, são identificadas relações próximas entre as pessoas, que os utilizam a ponto de ser possível identificá-los como um “pedaço” (MAGNANI, 1984), enquanto em outros essas relações existem, mas são – em grande medida – estabelecidas “no anonimato” (STIGGER, 2002). Acreditando que um estudo como esse pode oferecer elementos para o desenvolvimento de políticas públicas de lazer, perguntamos também: como as ações das políticas públicas interferem ou podem interferir na forma de utilização desses espaços? O que a população espera das políticas públicas, sobre esses aspectos?

Mesmo que as perguntas formuladas pareçam que a nossa intenção seja a de *explicar* aspectos da dinâmica social dos parques estudados, vale destacar que não é intenção deste estudo encontrar informações capazes de oferecer respostas ao modo da explicação: não é nossa intenção *explicar*

---

<sup>4</sup> Espaço da intimidade e do privado.

<sup>5</sup> Espaço do anonimato e do público.

como ocorrem as relações de sociabilidade nos parques, mas pontuar elementos capazes de oferecer luzes para a sua *compreensão*. Também não pretendemos buscar resultados na perspectiva da *generalização*: ao estudar aspectos relativos a esses dois parques, não é nossa pretensão estender as nossas conclusões a outros contextos públicos urbanos, mesmo da cidade de Porto Alegre. A nossa intenção é, a partir de um estudo particular, oferecer elementos para a reflexão acerca de outras situações similares.

Em termos metodológicos, a busca das respostas nos levou a desenvolver uma pesquisa sustentada por relatos obtidos em entrevistas semiestruturadas, realizadas com frequentadores de dois parques da cidade, o Parque Humaitá (onde tínhamos feito as observações iniciais) e no Parque Alim Pedro, o qual - segundo informações e observações realizadas - parecia caracterizar-se por um tipo de presença dos usuários que se aproximava das relações do “pedaço”. Nesses locais, entrevistamos usuários e profissionais que neles atuam há diversos anos: no Parque Humaitá, entrevistamos a professora de Educação Física (que é moradora do local, há 18 anos), um dos funcionários da manutenção (que, sendo morador das redondezas, também é frequentador do local) e dois frequentadores que têm presença sistemática no parque; no Parque Alim Pedro, as informações foram obtidas em entrevistas com três usuários bastante assíduos e com a coordenadora das atividades da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME), que atua no local.

Além dessas informações e de dados obtidos a partir de observações diretas, registradas em diários de campo, buscamos elementos para responder às perguntas formuladas na análise de material documental da SME (disponíveis em *sites* dessa entidade governamental) e em outros materiais (pesquisas) acerca do tema.

Nas páginas que se seguem, apresentamos os resultados da investigação, divididos em quatro tópicos. No primeiro, como forma de inserir os leitores no contexto da investigação, apresentaremos uma breve descrição dos dois universos onde se deu o estudo. São breves aspectos da história do Parque Humaitá e do Parque Alim Pedro, algumas características físicas e alguns elementos relativos a sua contextualização no universo social de Porto Alegre. No segundo momento, ofereceremos elementos para que se possa pensar sobre como vêm-se dando as relações comunitárias nos dois parques. No terceiro tópico, Traremos à pauta as relações que se estabelecem entre a utilização dos parques e a ação das políticas públicas de lazer da cidade. Finalmente, apresentaremos as conclusões do trabalho.

## 2 OS PARQUES HUMAITÁ E ALIM PEDRO: ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICAS.

O Parque Mascarenhas de Moraes (conhecido como Parque Humaitá) faz parte do bairro Humaitá, um bairro considerado populoso que tem 10.470 habitantes, distribuídos em uma área de 417 hectares<sup>6</sup>. O bairro foi planejado para amenizar o problema de habitação urbana vivenciada no início da década de 60 e, por volta de 1990 e início de 2000, nele foram construídos conjuntos residenciais voltados para a classe média, o que se deu pelos custos mais acessíveis das moradias afastadas do centro urbano.

Nesse local, em 17 de agosto de 1982, foi construído o Parque Humaitá, que recebeu o nome de Parque Mascarenhas de Moraes após sugestão do prefeito da época, Guilherme Sociais Villela, que propôs uma homenagem a João Batista Mascarenhas de Moraes, militar brasileiro que foi um dos comandantes da participação do Brasil na II Guerra Mundial. Localizado numa área identificada pela grande presença de indústrias, ele é constituído por aproximadamente 18 hectares de área, onde habitam muitas espécies da flora e da fauna da região; do seu total, seis hectares são considerados reserva ecológica, o que é uma das suas características, conforme apontam os seus gestores e seus frequentadores<sup>7</sup>.

Circundado por duas avenidas principais e por duas ruas secundárias (figura 1<sup>8</sup> e 2<sup>9</sup>), o parque tem um formato triangular e alongado de aproximadamente 850m de comprimento. As suas extremidades são avizinhas por dois conjuntos de blocos de apartamentos, habitados por população frequentadora do local, que parece se caracterizar por serem assalariados e proprietários das residências; nas suas laterais – delimitadas pelas avenidas – estão localizadas, lado a lado, diversas empresas do âmbito industrial. Além da população dos blocos de apartamento, também é identificado como frequentadores do parque um conjunto de pessoas advindas de vilas próximas (de uma a quatro quadras de distância), essas caracterizadas como moradias irregulares e/ou vinculadas a políticas de habitação popular resultante de remoções. Essa diferenciação quanto à população frequentadora - por nós aqui desenvolvida de maneira pouco aprofundada – dá uma idéia da realidade local e não se afasta muito de como ela é percebida pelos nossos colaboradores. As expressões “vilas” e “blocos” foram repetidas por mais de um deles, como denominações distintivas das populações locais: “uns moram aqui no Humaitá mesmo, e outros moram na vila” (Fernando); “eles eram um grupo só dos blocos aqui, não tinha o pessoal da vila” (Clara).

<sup>6</sup> Censo de 2000 (encontrado em [www.parquehumaita.com.br](http://www.parquehumaita.com.br))

<sup>7</sup> Nas entrevistas e em conversas informais realizadas no local, sistematicamente apareceram comentários vinculados à dimensão *ecológica* que o parque representa.

<sup>8</sup> Fonte: [www.parquehumaita.com.br](http://www.parquehumaita.com.br)

<sup>9</sup> Fonte: google earth



Figura 1 - Parque Humaitá<sup>10</sup>



Figura 2- Parque Humaitá<sup>11</sup>

Internamente, o que poderíamos chamar de *ala sul* do parque conta com *playground*, uma quadra de vôlei de praia e campos de futebol; na parte central, localizam-se a administração do parque, alguns quiosques cobertos (churrasqueiras), e um *playground*. Na ala norte, há quadras polivalentes, campos de futebol de areia e grama, uma sala para atividades múltiplas<sup>12</sup> e uma cancha de bocha, atualmente desativada, com previsão de reconstrução<sup>13</sup>. Nesse mesmo setor, há, ainda, um campo de futebol com dimensões oficiais, o qual tem uma arquibancada numa das suas laterais.

Sob o ponto de vista administrativo, o parque é dirigido pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), contando ainda com a presença de uma professora da Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer (SME), que administra o campo de futebol e, conforme consta no *site* da Prefeitura, oferece atividades de ginástica, alongamento e yoga para as comunidades próximas<sup>14</sup>. Há ainda atividades de categorias de base de clubes de futebol da capital<sup>15</sup>, os quais, conveniados com a SME, utilizam os campos para treinos e jogos. Além disso, o campo de dimensões oficiais é utilizado para jogos de campeonatos do bairro.

O outro parque estudado, o Parque Alim Pedro, foi construído na década de 40 e faz parte do projeto de criação do Conjunto Habitacional IAPI, que neste período foi planejado para moradia da população operária. O projeto da construção desse conjunto habitacional foi produto da política pública implantada pelo Governo de Getúlio Vargas, com o objetivo de conter a expansão de favelas, que se encontravam em torno dos grandes centros urbanos

<sup>10</sup> Fonte: Pagina eletrônica <[www.parquehumaita.com.br](http://www.parquehumaita.com.br)>

<sup>11</sup> Fonte: google earth

<sup>12</sup> Onde a SME realiza aulas de ginástica.

<sup>13</sup> Já há algum tempo, a cobertura da cancha de bocha, assim como o próprio espaço de jogo, foram desmanchados e há previsão de reconstrução.

<sup>14</sup> Segundo as nossas observações e relatos da professora que atua no parque, atualmente acontecem apenas as aulas de ginástica.

<sup>15</sup> Sport Clube Internacional e Esporte Clube São José.

brasileiros. A sua estrutura arquitetônica é considerada singular na cidade de Porto Alegre, em cujo projeto as residências unifamiliares ganharam destaque, e as ruas e edificações foram caracterizadas por traçados orgânicos com a presença de jardins. Por possuir tais singularidades na sua arquitetura e uma história cultural expressiva<sup>16</sup>, o IAPI<sup>17</sup> é considerado patrimônio arquitetônico e cultural da cidade. (LAPOLLI, 2006; DEROIS, 2004).

Situado na zona norte de Porto Alegre no bairro Passo d' Areia, a comunidade do bairro caracteriza-se por serem de nível socioeconômico médio. Com o fim do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, o qual deu origem ao IAPI, e o surgimento do Sistema Financeiro de Habitação, iniciou-se um processo de descaracterização da classe social do conjunto residencial. A nova diretriz da política habitacional permitiu que, além dos locatários que já habitavam o conjunto, a camada média urbana também obtivesse o direito de tornar-se proprietária das residências. Dessa forma, foram percebidas mudanças mais sofisticadas na arquitetura, que contrastam com outras mais simples e antigas. Porém, apesar da heterogeneidade hoje existente na vila do IAPI, a memória do antigo conjunto habitacional destinado aos industriários, ainda está presente tanto nos moradores mais antigos quanto naqueles mais jovens (Derois, 2004).

Conforme informações da administradora do local, o Parque Alim Pedro “foi inspirado no Estádio Olímpico de Tóquio” (Solange) e destinado às práticas esportivas e de lazer dos moradores do conjunto habitacional, fazendo parte de uma estratégia do projeto de proporcionar maior autonomia para os moradores. Com 4,5 hectares de área, no seu espaço estão distribuídos um campo de futebol circundado por uma pista de corrida/caminhada; duas quadras poliesportivas; um *playground*; um campo de futebol de areia; uma cancha de bocha; e um módulo administrativo, onde se encontram os vestiários e a sala multiuso<sup>18</sup>. Além disso, o parque conta com grande área verde, constituída por ampla vegetação e de árvores frondosas que, por se localizarem num aclave e numa das laterais do campo de futebol, é considerada uma “arquibancada natural” (César).

A administração do Parque Alim Pedro está vinculada à Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME), que conta com o apoio de manutenção da Secretaria do Meio Ambiente (SMAM). No local, a SME

---

<sup>16</sup> Entre outros aspectos que expressam um sentimento de pertencimento ao bairro, as pessoas com quem se tem contato sempre destacam o reconhecimento nacional da cantora Elis Regina e do grupo Liverpool, ambos originários do IAPI; numa das ruas do bairro, vizinha ao parque, há uma pequena praça e um recanto (placa alusiva) em homenagem à Elis Regina.

<sup>17</sup> Como é tratado pela população local.

<sup>18</sup> Sala onde a SME realiza diversas atividades.



Figura 3 - Parque Alim Pedro<sup>19</sup>

promove diversas atividades, entre as quais as escolinhas de futebol, de futsal e de vôlei e de basquete; aulas de alongamento e de ginástica; atividades e eventos recreativos direcionados a crianças e portadores de deficiência física<sup>20</sup>. O parque também serve de espaço para a realização de atividades autonomamente organizadas por moradores do bairro como, por exemplo, as oficinas de desenho e de pintura, os encontros beneficentes, campeonatos de futebol do bairro, os jogos de bocha, e até missas campais<sup>21</sup>.

### 3 LAZERE VIDA COMUNITÁRIA

Com essa configuração e características, ambos os parques são identificados, pela população, como espaços importantes das comunidades do seu entorno. Afirmando que “o parque é o coração do bairro”, Clara (professora de Educação Física da SME) busca diferenciar as repercussões da presença do parque na vida do bairro, comparando com outros locais dos grandes centros urbanos: “as pessoas ainda cultivam descer para o parque e tomar chimarrão, conversar com os vizinhos do lado; nos grandes centros, isso não existe”. Da mesma forma, Solange, professora que atua no Parque Alim Pedro, considera que “o parque se presta para [...] essa coisa assim da integração, da efervescência da própria vila”<sup>22</sup>.

Em que pesem essas afirmações se encaminharem numa mesma direção, um olhar atento nos levou a perceber muitas diferenças entre os dois locais, o que foi identificado logo nas primeiras observações. Enquanto o

<sup>19</sup> Fonte: google earth

<sup>20</sup> Estas atividades, além de estarem referidas no site da Prefeitura de Porto Alegre, foram identificadas nas visitas dos pesquisadores e citadas por mais de um dos entrevistados.

<sup>21</sup> “No final do ano passado, nós encerramos [as atividades do ano] com uma missa dentro do campo” (Solange).

<sup>22</sup> Ela refere-se à *vila* IAPI.

Parque Humaitá se caracteriza pela presença de frequentadores principalmente nos sábados e domingos à tarde, o Alim Pedro mantém uma constante presença de pessoas, em diferentes dias e horários da semana e fim de semana. Numa das situações em que dois observadores estiveram presentes, um em cada parque e no mesmo horário (fim de tarde, durante a semana), percebeu-se que o Parque Humaitá estava “deserto”, enquanto o Alim Pedro estava “bombando” (expressões usadas pelos observadores). Essa diferença também aparece na visão dos seus usuários: “durante a semana, de segunda a sexta, é mais deserto [...] tu vê pequenos núcleos nos *playgrounds* com crianças” (Clara, referindo-se ao Parque Humaitá); “o movimento sempre é grande, tanto com crianças e com jovens que jogam; sempre está movimentado” (Valter, frequentador do Alim Pedro). Essa diferença quanto ao uso dos espaços também aparece no que se refere à sua apropriação, em especial por grupos de pessoas presentes em atividades coletivas e auto-organizadas.

Sobre o Parque Alim Pedro, os informantes relatam que “o futebol à tardinha é todos os dias” (Cézar); nos finais de semana tem um grupo de vôlei” (Solange); “fim da tarde sempre está cheio o campo, sempre está cheio as quadras de vôlei e de basquete também” (Rosane); “a bocha é todos os dias [...] agora são duas e meia da tarde, e o pessoal já está jogando” (Cezar); “tem dias que tem 50, 60, 70, uns jogando bocha e carta à moda deles [...] tem uns que são observadores, é um espaço independente” (Solange). Essas posições dos frequentadores são confirmadas pelas observações dos pesquisadores, que identificaram o parque Alim Pedro como um evidente espaço de sociabilidade urbana, onde pessoas de todas as idades circulam e se relacionam. E mais do que estarem no mesmo lugar, os usuários se reconhecem como parte dele, como expressa Cezar:

Eu acho que é um parque bem explorado, em todos os aspectos, inclusive em um aspecto que eu não gosto né, um aspecto ruim do uso de drogas, essas coisas, mas como as pessoas, a maioria são antigas aqui, até essas pessoas respeitam as outras pessoas, porque eles são filhos é do João que conhecia a Dona Maria [...]; então eles respeitam mais por esse aspecto, assim, de serem mais antigas aqui, eles respeitam, eu não sei se isso acontece em outros parques [...]. Aqui todo mundo se conhece [...] aquele que está na bocha lá, ele conhece o outro que está jogando bola lá na outra ponta, se não conhece o guri que está jogando lá conhece ou se dá com o pai dele [...] ou jogou bocha com o avô dele, ou joga futebol [...]; *sempre tem uma ligação.* (Grifo nosso).

Esse depoimento e outros semelhantes, advindos de outros informantes, retratam a forma como, já há muito tempo, vêm-se estabelecendo as relações de sociabilidade naquele lugar. As palavras de César - inclusive incorporando os usuários de drogas que também estão, sistematicamente, no local<sup>23</sup> - descrevem o que Magnani (1984, p.33), denominaria de relações no “pedaço”, um espaço existencial onde são reforçados “os laços de sociabilidade, desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo que envolve amigos, colegas, ‘chegados’.

Já no Parque Humaitá, as relações não foram identificadas da mesma forma. Tanto os observadores como os entrevistados identificam o Parque Humaitá como um espaço onde as relações sociais são mais distantes e, mesmo “no anonimato” (STIGGER, 2002)<sup>24</sup>, no sentido de serem isoladas (pessoas caminhando e/ou correndo, sozinhas, ao redor do parque) e/ou restritas a pequenos grupos (família e vizinhos mais próximos tomando chimarrão e/ou acompanhando crianças no *playground*) que não estabelecem contatos com outros. Há também diferenças e conflitos entre, pelo menos, dois grupos sociais que mostram clara distinção sob o ponto de vista econômico<sup>25</sup>.

No local, chamou-nos atenção a quantidade de pessoas e pequenos grupos *mais soltos*<sup>26</sup> (Fernando: “família, amigos”) que frequentam o parque e o fato de que pessoas que moram nos condomínios que estão nas suas extremidades, pouco sabem sobre o que acontece *do outro lado*<sup>27</sup>. Foi o que nos transmitiu o Sr. Luis (morador do bloco da ala sul), ao afirmar, em conversa informal, que pouco sabia a respeito do que ocorria *do outro lado* do parque. Também Fernando (morador do bloco da ala norte), ao tentar descrever como acontece a sua circulação pelo local, utilizou-se da mesma expressão: “eu frequento mais aqui, *mas o outro lado*<sup>28</sup> eu conheço também; lá eu nunca joguei (Fernando). O mesmo informante, mesmo mostrando que há um reconhecimento acerca de outros usuários do parque, acaba por confirmar que esse reconhecimento é superficial: “quando tu passa por alguém tu co-

---

<sup>23</sup> Os pesquisadores observaram o uso cotidiano de maconha no local, por parte de grupos de jovens que o fazem *discretamente*. Foi percebido, também, que esse fato acontece sem que pareça causar constrangimentos aos demais presentes. Mais de um dos entrevistados se referiu a esses frequentadores de forma semelhante à de César.

<sup>24</sup> Em estudo etnográfico realizado na cidade do Porto/Portugal, Stigger observou pessoas que praticavam, já há muito tempo (meses, anos) o futebol no parque da cidade, sem saber, efetivamente, quem eram os seus parceiros de jogo; desconhecendo seus nomes, profissões e local de moradia, conviviam no parque, unicamente no momento do futebol.

<sup>25</sup> Assunto que vai ser tratado mais adiante.

<sup>26</sup> Ao formular a pergunta, a expressão foi usada pelo entrevistador e confirmada pelo entrevistado, no sentido de *grupos pequenos e desvinculados de outros grupos*.

<sup>27</sup> Quando se referem *ao outro lado*, estão mencionando, como oposição, os lados *norte* e *sul*, distantes aproximadamente 850 m.

<sup>28</sup> Grifo nosso.

nece, às vezes na hora tu não lembra, tu passa na rua na hora ‘pô, da onde eu conheço? Ah, de lá do parque’”.

Essas relações que - comparadas com as que ocorrem no Parque Alim Pedro - se mostram distantes, também aparecem a partir de distinções econômicas e as suas repercussões no âmbito das relações sociais. Referimo-nos aqui ao que já relatamos anteriormente: o espaço social do bairro e do parque é delimitado fortemente entre “as vilas” e “os blocos”. É isto que expressa Clara, ao dizer que “os blocos interagem com os blocos, a vila com a vila, não existe essa interação assim ó, eu tô tomando chimarrão, vem um carroceiro<sup>29</sup>, senta aqui comigo, vamos tomar chimarrão; não existe isso”. Palmira nos dá um relato que ajuda a entender como essa divisão se deu historicamente. Moradora dos blocos e líder de diversos movimentos que se mostraram interessados pelas melhorias do bairro, ela nos deu o seguinte depoimento:

Nós dizíamos para eles [os moradores das vilas] que [...] o parque é do Humaitá; [...] o parque é da comunidade, não interessa se é a vila x, se é a vila preta, a vila branca, amarela, rica, ela é de toda uma comunidade; isso foi muito ruim na época para a gente fazer as pessoas criarem raízes dentro do parque, criar raiz era só do Humaitá, só dos prédios. As vilas pareciam que eram abandonadas, porque eles faziam isso [...] já está mudando graças a Deus, mas de primeiro era só o parque, os moradores do Humaitá mandavam, eram eles que mandavam aqui.

Esse relato vai ao encontro dos achados de Stigger (1992) que, em pesquisa desenvolvida em 1991, entrevistou o presidente da Associação de Moradores do Bairro Humaitá à época e percebeu a mesma divisão. Quando perguntado sobre “quem deveria decidir sobre as coisas do parque”, o líder comunitário (e morador de um dos blocos) defendeu a idéia de que o poder de decisão sobre *as coisas do parque* deveria ser apenas dos proprietários dos apartamentos e não daqueles provenientes das vilas. Conforme pudemos perceber, posições distintivas como essa ainda persistem, o que foi relatado pela coordenadora do parque (a agrônoma Sandra) e confirmado pela professora de Educação Física (da SME) que atuam no local. Ambas se referiram ao fato de que, atualmente, muitas pessoas vinculadas aos moradores dos blocos vêm lhe solicitando, repetidamente, atitudes no sentido de coibir a presença dos *carroceiros* no parque; segundo ela, essas pessoas sugeriram, inclusive, a destruição das churrasqueiras que existem no local, as quais os moradores das vilas (os *carroceiros*) costumam utilizar, com suas famílias, aos finais de semana.

<sup>29</sup> Muitos dos moradores das vilas sobrevivem coletando lixo, fazendo uso de carroças.

#### 4AS POLÍTICAS DE LAZER

Já desde 1926, com a criação do primeiro Jardim de Recreio de Porto Alegre, identifica-se, na cidade, uma iniciativa governamental que visa a oferecer serviços no âmbito do lazer para os cidadãos. De lá para cá, vários órgãos foram transformados e criados<sup>30</sup>, e hoje esse serviço é realizado pela Secretaria Municipal de Esportes. Uma das suas ações principais desta secretaria é a manutenção de parques e de praças da cidade e o oferecimento – nestes locais – de diferentes atividades destinadas ao tempo de lazer da população. Como já foi referido anteriormente, tanto no Parque Humaitá, como no Alim Pedro, encontram-se profissionais da área de Educação Física, destinados a promover essas atividades.

Segundo um frequentador do Parque Alim Pedro, a administração do parque (SME) “agita” inúmeras atividades no local, como escolinhas, eventos recreativos e práticas esportivas direcionadas para todas as idades, porém havendo maior ênfase naquelas direcionadas para crianças. Conforme o relato da coordenadora do parque, existe um planejamento administrativo no que diz respeito às atividades que são oferecidas à comunidade:

[...] essas coisas já fazem parte da nossa cultura como gestores, existe planejamento sim, se precisar utilizar uma estratégia se faz, essas coisas são pensadas, não são muito aleatórias, não se cria um grupo do nada; a gente tem um calendário que a gente procura manter esse calendário vivo.

Com uma grande preocupação de que os espaços não sejam privatizados e que não se percam as “rédeas” da administração, há um empenho, através de discursos e de planejamentos administrativos, em manter a legitimidade do poder público de forma que os espaços do parque sejam utilizados por todos. Um exemplo disso é a atitude de não estimular ligas de futebol, pois, segundo Solange, “as ligas em alguns locais acabam formando esses guetos, esses redutos que deixam da questão pública e passam a ser interesse de determinados grupos, exploram o espaço e vira um reduto”.

O mesmo discurso que ouvimos da administradora também percebemos nos relatos dos frequentadores do parque, fato que nos ajudou a pensar que a gestão do Alim Pedro é legitimada porque existe uma justificativa interna para que as “leis” do parque sejam incorporadas pelos seus frequentadores. Quando Cezar se refere ao papel dos professores no parque em relação às disputas por espaços, observamos que vai ao encontro da fala da gestora,

---

<sup>30</sup> Pelos limites desta trabalhos, não vamos, aqui, recuperar esta trajetória. Sobre a intitucionalização da recreação pública em Porto Alegre, ver Feix (2003).

quando se refere à função dela e dos demais professores como representantes administrativos do governo municipal: “acho que cada um tem um papel aqui dentro e eu não vejo dar briga por causa do campo, por causa das canchas, eu não vejo, caso acontecer isso, a professora Solange está aí para resolver... os professores”.

Apesar de bastante focada na figura da coordenadora do parque<sup>31</sup>, essa legitimidade que foi adquirida pela Prefeitura se vincula, também, a um serviço que, efetivamente, parece estar de acordo com o que a população espera que ocorra: “eu acho que é bom, [o parque] tá sempre limpinho (Valter); “eu largo o meu filho para jogar bola aqui, eu largo e daqui um pouco venho buscar, depois no final do treino e não me preocupo, porque eu sei que ele está bem assistido aqui” (César).

Sobre o primeiro aspecto (“tá sempre limpinho”), o Parque Alim Pedro e o Parque Humaitá se assemelham bastante. Tanto o olhar dos pesquisadores, quanto o de diferentes membros da comunidade enfatizam aspectos relativos às boas condições físicas e à manutenção dos dois espaços públicos estudados. Porém, sobre o segundo aspecto mencionado (as atividades oferecidas pela SME), não podemos dizer o mesmo. Diferente do que se percebe no Parque Alim Pedro, o Humaitá vem-se configurando como um espaço onde o caráter *ecológico* se evidencia mais do que o social. Mais do que as relações sociais entre os frequentadores, o que chamou atenção dos observadores é a exuberância *natural* daquele local, assim como a sua manutenção no que se refere à jardinagem.

Assim, se, por um lado, é a ação da SMAM, que lá se evidencia, por outro lado, a da SME, parece pouco presente. Conforme relatos obtidos, a maior parte das atividades que acontecem no Parque Humaitá é auto-organizada e desenvolvida por pequenos grupos sem a interferência da administração do parque. Em entrevista com a professora da SME, que lá atua, ela manifestou não saber o porquê que alguns grupos abandonavam suas atividades sistemáticas. Na mesma direção, os frequentadores consideram que a administração do parque não tem a mesma proximidade com seus usuários como a que encontramos no Parque Alim Pedro: : “falta só a comunicação assim né, mais de saber mesmo quem vem, quem frequenta, da onde são, né” (Fernando, frequentador do Parque Humaitá). Por outro lado, a mesma professora acima mencionada afirma que “sempre que se propõe um trabalho tem gente”; mas, ao mesmo tempo diz que lá “não tem um professor para estimular a vinda”.

Essa afirmativa - que coloca também no poder público a responsabilidade de incentivar a presença das pessoas nos parques - leva a pensar sobre

---

<sup>31</sup> Que atua no local há 12 anos.

as razões das diferenças entre os dois locais. Sobre isso, as observações realizadas nos mostraram que, enquanto no Parque Alim Pedro as atividades são proporcionadas por uma equipe da SME composta por mais de quatro pessoas, somando uma carga horária de aproximadamente 140 horas semanais, no Humaitá, a professora Clara atua sozinha, com 40 horas semanais de trabalho; enquanto o Parque Humaitá é administrado pela SMAM, com a presença da SME (professora Clara) no local, o Parque Alim Pedro é administrado pela SME, com apoio de manutenção da SMAM. Percebe-se, então, que, enquanto, no Parque Alim, a presença do Estado é principalmente via SME, no Humaitá, o Estado está representado especialmente pela SMAM.

A partir dessas considerações, podemos levantar a hipótese de que as diferenças quanto à frequência e às características dos dois locais se vinculam, também, à forma como o Estado neles atua. Percebe-se que, em cada um dos locais, prevalece uma política, vinculada às especificidades de cada Secretaria, o que faz os parques configurem-se de maneira distinta: um como espaço de atividades, eventos e uma vida social bastante intensa; e o outro como espaço natural, de preservação ambiental e de um lazer, às vezes contemplativo, onde caminhadas e encontros casuais são frequentes<sup>32</sup>. Não podemos afirmar que os parques não tenham outras características em comum, como se constituírem espaços vinculados ao lazer e às atividades físicas da população, porém cada um possui características que lhes são peculiares e acabam configurando seus papéis nas comunidades.

## 5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi referido no início deste texto, não há dúvida de que os parques públicos das cidades são, reconhecidamente, importantes espaços de sociabilidade da população urbana. Mas, também percebendo que isso não acontece sempre da mesma forma, buscamos elementos que ajudassem a compreender alguns fatores que interferem ou podem vir a interferir na construção nas relações de sociabilidade que ocorrem (ou podem ocorrer) em diferentes espaços públicos das cidades. Com esse objetivo e percebendo diferenças bastante evidentes entre as dinâmicas sociais existentes nos Parques Humaitá e Alim Pedro, buscamos compreendê-las com base em dados obtidos em observações *de campo* e entrevistas semiestruturadas realizadas com frequentadores dos dois locais. Nesse contexto, alguns aspectos observados nos chamaram atenção. Por uma opção analítica, eles foram observa-

---

<sup>32</sup> Norbert Elias, autor que enfatiza a busca da excitação no lazer, identifica algumas atividades como “simplesmente, sociáveis” e outras atividades de “lazer menos especializadas” que buscam a “agradável destruição da rotina”, dentre as quais “dar um passeio a pé” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 148-149).

dos e descritos acima de forma separada, mas, na realidade concreta, se apresentam bastante articulados.

De acordo com as descrições anteriores, não é difícil perceber que a história e o planejamento de cada parque, assim como a sua relação com o contexto urbano onde ele se situa, estão inseridos entre os elementos que interferem em como as dinâmicas sociais neles acontecem. O Parque Alim Pedro faz parte de um conjunto habitacional que tem uma memória cultural e arquitetônica muito forte, tendo sido planejado, originalmente, para um determinado grupo social. Esses aspectos históricos se relacionam com a forma como se veem os seus atuais moradores, estes que ainda se identificam como um grupo, apesar de, atualmente, já se observar uma certa heterogeneidade socioeconômica no local. Mesmo assim, pudemos perceber que o sentimento de comunidade presente entre os frequentadores do Parque Alim Pedro tem, até certo ponto, origem na história deste conjunto habitacional que perdura até hoje. Já o Parque Humaitá, situa-se num contexto urbano diferenciado, marcado pela proximidade com muitas indústrias e por uma evidente heterogeneidade socioeconômica, que se materializa nas disputas entre os “blocos” e as “vilas”. O parque é um local onde - nos momentos de lazer - esses diferentes grupos sociais se encontram e expressam as suas diferenças.

Se isso tem vínculos com as diferentes dinâmicas observadas, relaciona-se, também, com a forma e com os investimentos que a administração de cada parque conduz as suas atividades; é nossa posição que a presença do Estado, diferente em cada um deles, tem efetiva interferência nas dinâmicas sociais que lá acontecem. No Parque Mascarenhas de Moraes, percebe-se que a sua administração, que é de responsabilidade da SMAM, está fortemente voltada para as questões ambientais e contribui para torná-lo - na perspectiva dos informantes - um reduto *natural*; com essa característica, e talvez por não haver um forte investimento da SME no local, as atividades desenvolvidas pelos moradores são caracterizadas pela autonomia, pelo quase anonimato e pela contemplação. Já no Parque Alim Pedro, a administração da SME, com um grande investimento de profissionais, realiza muitas atividades que mobilizam os moradores próximos e contribuem para a caracterização da vida comunitária do parque; a frequência de pessoas no local, assim como a articulação entre elas, parecem contribuir para a intensificação do sentimento de comunidade no local.

De acordo com as análises e as interpretações apresentadas, as diferentes configurações locais se constituem em aspectos que interferem - em diferentes âmbitos - na forma como cada um dos parques públicos estudados vem sendo apropriado pela população; nesse contexto, identificamos que a presença do Estado, através das suas políticas públicas, pode ter um papel importante como dinamizador desses locais.

Sem termos a pretensão de explicar as relações sociais que acontecem nos espaços urbanos de lazer nem de generalizar as nossas considerações, este trabalho busca oferecer elementos que podem vir a contribuir para a sua compreensão. Acreditamos que esse esforço, além de apontar para a heterogeneidade das dinâmicas sociais que ocorrem nos parques, assim como para a sua importância, como espaço de lazer das populações, nos leva a refletir sobre diferentes possibilidades para a ação pública nesses locais. Na perspectiva das políticas públicas, cada parque deve ser visto a partir da sua dinâmica e de sua configuração particular, e essa diversidade deve ser considerada quando neles o Estado pretender atuar.

## REFERÊNCIAS

DEROIS, Rafael. *Primeiros passos na “Vila do IAPI”*: introdução a um estudo etnográfico das práticas cotidianas de um bairro de Porto Alegre. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2004. Disponível em: <<http://www.iluminuras.ufrgs.br/artigos/2005-14-primeiros-passos-iapi.pdf>>. Acesso em: nov. 2008.

ELIAS, Norbert ; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FEIX, Eneida. *Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX*: [institucionalização da recreação pública]. 2003. 108f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2781/000376336.pdf?sequence=1>>. Acesso em: mar. 2009.

FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe. *Educação física e saúde coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção*. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. Shopping-centers: avenidas de sonho. *Ciência Hoje*, São Paulo, V. 12, n. 67, p. 27-34, out. de 1990.

GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice. *Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

LAPOLLI, André. *Como destruir um patrimônio cultural urbano: a vila do IAPI, “Crônica de Uma Morte Anunciada”!* 2006. Dissertação (Mestrado em

Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10269/000592983.pdf?sequence=1>>. Acesso em: dez. 2008

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PORTAL de Produtos e Serviços do Bairro Parque Humaitá. Disponível em: <[www.parquehumaita.com.br](http://www.parquehumaita.com.br)>. Acesso em: dez. 2008.

ROSSARI, Tânia Torres. *Lá não tem bagaceiro – shopping-center Iguatemi de Porto Alegre: o significado de um espaço coletivo como indicador de identidade social*. 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1990.

STIGGER, Marco Paulo. *Administração de parques públicos e democracia: um estudo de caso na área de políticas públicas para o lazer numa perspectiva democrática*. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.

STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLES, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007